

A MUDANÇA PARADIGMÁTICA NO PONTIFICADO DO PAPA FRANCISCO E A HOSPITALIDADE COMO CATEGORIA TRANSFORMADORA

The Paradigmatic change in Pope Francis' Pontificate and Hospitality as a Transformative Category

Francidilso Silva do Nascimento*

Resumo: O conceito de paradigma se popularizou com a obra de Thomas Kuhn, “A Estrutura das Revoluções Científicas” (1962), que redefiniu como entendemos mudanças fundamentais na ciência e em outras áreas do conhecimento. Kuhn descreve paradigmas como estruturas que organizam e categorizar nossa compreensão do mundo, influenciadas por questões biológicas e cultura. A mudança paradigmática, portanto, é uma transformação profunda na forma de interpretar e interagir com a realidade. Papa Francisco promove uma mudança paradigmática, reconfigurando conceitos e categorias fundamentais. Ele introduz vários paradigmas, como o da Misericórdia, que enfatiza a compaixão e a inclusão, e o da Proximidade e Missão, que busca uma Igreja mais engajada com as necessidades reais das pessoas, especialmente os marginalizados. Francisco também promove a Ecologia Integral, destacando a interconexão entre justiça social e cuidado ambiental, e a Sinodalidade, que envolve todos os membros da Igreja no processo decisório. Além disso, ele impulsiona a Reforma Pastoral, focando na adaptação contínua da Igreja às necessidades contemporâneas, e o Paradigma da Inclusão, que acolhe todas as pessoas independentemente de sua situação. A hospitalidade é proposta como um caminho para a reconciliação e superação das diferenças dentro da Igreja, promovendo uma comunhão baseada no respeito e na valorização das semelhanças.

Palavras-Chave: Papa Francisco. Mudança de Paradigma. Hospitalidade. Incomensurabilidade. Thomas Kuhn.

* Presbítero da Diocese de Picos. Doutorando em Filosofia, pela Universidade Federal do Piauí – Piauí, e Ospite na Università di Trento. Professor do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI. Bolsista PSDE Capes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6496-4381>.

Abstract: The concept of paradigm was popularized by Thomas Kuhn's work, "The Structure of Scientific Revolutions" (1962), which redefined how we understand fundamental changes in science and other areas of knowledge. Kuhn describes paradigms as frameworks that organize and categorize our understanding of the world, influenced by biological and cultural factors. Paradigmatic change, therefore, is a profound transformation in the way we interpret and interact with reality. Pope Francis promotes a paradigmatic shift, reconfiguring fundamental concepts and categories. He introduces several paradigms, such as that of Mercy, which emphasizes compassion and inclusion, and that of Proximity and Mission, which seeks a Church more engaged with the real needs of people, especially the marginalized. Francis also promotes Integral Ecology, highlighting the interconnectedness between social justice and environmental care, and Synodality, which involves all members of the Church in the decision-making process. Additionally, he drives Pastoral Reform, focusing on the Church's continuous adaptation to contemporary needs, and the Paradigm of Inclusion, which welcomes all people regardless of their situation. Hospitality is proposed as a path to reconciliation and overcoming differences within the Church, promoting communion based on respect and valuing similarities.

Keywords: Pope Francis. Paradigmatic Change. Hospitality. Incommensurability. Thomas Kuhn.

Introdução

O conceito de mudança paradigmática, profundamente enraizado na obra de Thomas Kuhn, "A Estrutura das Revoluções Científicas" (1962), é um marco importante para entender as transformações nas formas de categorização e interpretação do mundo. Kuhn introduziu a noção de paradigma como um Conjunto Estruturado de Tipos, uma organização conceitual dos objetos do mundo, influenciada por aspectos biológicos e culturais. A aplicabilidade desse conceito, como compreendemos, transcende a ciência alcançando áreas como teologia e a prática pastoral.

O Papa Francisco tem promovido uma mudança paradigmática que envolve uma reestruturação fundamental dos conceitos e

categorias que moldam a vida eclesial, tanto em seu conteúdo como em sua forma. Este artigo reflete sobre em que consiste essa mudança paradigmática, quais os paradigmas apresentados pelo Papa Francisco e como eles refletem uma transformação profunda no comportamento e na missão da Igreja, valendo-nos de uma categoria fundamental para o exercício pastoral denominado de hospitalidade.

1. A mudança paradigmática como transformação de categorização

O termo paradigma ganhou relevância no âmbito filosófico, intelectual e cultural, quando o físico, historiador da ciência e filósofo norte-americano, Thomas Kuhn publicou a sua obra mais influente no século XX, *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962). Apesar das várias críticas recebidas, o termo paradigma foi aplicado em diversas áreas do conhecimento com significados diversos daquele que o autor tinha em mente ao utilizá-lo em seus escritos, incluindo a aplicação da teologia e da prática pastoral.

A ideia de mudança paradigmática remete a uma transformação profunda nas maneiras como compreendemos, categorizamos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Com o passar do tempo, Kuhn reformulou aquilo que antes era chamado de paradigma passou a ser chamado Conjunto Estruturado de Tipo (Kuhn, 2022, p.181[2024, p.259]), um modo de organização dos conceitos dos objetos do mundo seja inatamente, como um tipo de extinto que biologicamente possuímos para identificarmos o que traz perigo para nossa vida, seja o que não; ao mesmo tempo, isso é um processo aprendido através das pessoas que já vivem no mundo e já estão habituadas em organizar os objetos que compõem essa realidade. Portanto, o paradigma é compreendido por Kuhn como um conceito que usamos para categorizar, organizar, nosso mundo. Esse conceito é influenciado pela cultura em que o indivíduo foi educado e, por isso, pode levar a dificuldades de compreensão e interpretação por parte de outras pessoas educadas em culturas e modo de vida diferentes.

Mas o que entendemos como categorias e conceitos? Conceito é concebido como aquilo que precisamos aprender para podermos fazer uso de uma palavra (MILLIKAN, 2003, p.9). Nesse caso, quando aprendemos de alguém um determinado uso do conceito passamos a recortar o mundo utilizando aquelas mesmas regras, porém, como o tempo, passa-se a utilizar aquelas adquiridas para construir outras maneiras de chegar as mesmas categorias que aprendemos anteriormente. A base da nova filosofia de Kuhn, que usaremos aquilo como iluminação para compreender que coisa é a mudança de paradigma, está enraizada na perspectiva de Ruth Millikan, filósofa estadunidense, que tanta a substância como “entidade que usamos para pensar em vez de falar.” (2003, p.9). Anteriormente, Kuhn já tinha admitido algo parecido quando levava em consideração o estilo de pensamento de Fleck, que é considerado um modo de organização do mundo que usamos na nossa vida cotidiana, porém cada estilo de pensamento é incomensurável, ou seja, “esses podem não ter nada em comum, e um pode indicar com realidade física aquilo que para outro estilo de pensamento não existe de alguma forma”. (GATTEI, 2007, p.27).

Como categoria estabelecemos uma mudança naquelas aristotélicas em que parte sempre dos indivíduos particulares e se esquecendo das espécies as quais eles pertencem, mas para isso é preciso estabelecer uma nova concepção ontológica, estabelecendo que as propriedades que compõem os objetos particulares influenciam “o que veio a ser chamado de essência do corpo e que tornam o corpo a espécie de corpo que ele é.” (KUHN, 2024, p.213). A realização desse processo é histórica, ou seja, é estabelecido em um espaço e um tempo, onde os indivíduos identificam e diferenciam através de uma processe de categorização ativa que realizar mudanças de tempos em tempos, caso necessários no modo como essa realidade é organizada.

Nesse sentido, o que ocorre é uma mudança de linguagem, compreendida não simplesmente como uma verbalização das realidades do mundo. A linguagem é compreendida no seu aspecto biológico, a partir do modo como nos comportamos de ante de outros

seres vivos ou não vivos, como também é a forma que aprendemos de modo cultural de representar linguisticamente esse mundo, através dos objetos existentes do mundo. Assim, A linguagem desempenha um papel crucial na mudança paradigmática, pois ela não apenas reflete a realidade, mas também a constrói. A transição de um paradigma para outro envolve uma mudança na linguagem de pensamento e na estrutura conceitual utilizada pelos cientistas. Essa transformação permite novas formas de ver, interpretar e interagir com o mundo.

Um dos conceitos mais desafiadores de Kuhn é a incomensurabilidade, que se refere à dificuldade de comparar diretamente paradigmas distintos devido às suas diferenças fundamentais nos conceitos e nas categorias. Esta ideia pode ser aplicada à diversidade de expectativas e estilos dentro da Igreja Católica contemporânea.

Aplicando esse conceito à Igreja, a mudança paradigmática promovida pelo Papa Francisco pode ser vista como uma mudança de conceito e de categoria. Não se trata apenas de modificar práticas ou introduzir novas políticas, mas de uma reestruturação fundamental nas categorias e nos conceitos que moldam a vida eclesial. Esta mudança envolve uma reorientação dos valores centrais, das prioridades pastorais e da maneira como a Igreja se relaciona com o mundo moderno, conforme apresentou o Concílio Vaticano II.

A mudança paradigmática envolve uma nova linguagem de pensamento que enfatiza a misericórdia, a proximidade e a inclusão. Esta linguagem reflete um conjunto estruturado de tipos que reconfiguram a identidade e a missão da Igreja. Termos como “Igreja em saída”, “proximidade” e “misericórdia” tornam-se centrais no discurso e nas práticas eclesiais, promovendo uma nova maneira de ser Igreja que é mais aberta e receptiva às necessidades contemporâneas.

Francisco busca transcender essas diferenças, propondo um novo modelo de Igreja que não é apenas uma síntese dos estilos existentes, mas uma reconfiguração das categorias que moldam a vida

eclesial. Este novo paradigma desafia a Igreja a ser mais dinâmica, aberta e capaz de dar respostas às necessidades do mundo moderno, enquanto permanece fiel à sua missão essencial de evangelização e serviço.

O Papa Francisco enfrenta a incomensurabilidade de estilos ao tentar harmonizar diferentes visões de Igreja. Por um lado, há aqueles que preferem um estilo mais tradicional e conservador, que enfatiza a doutrina e a clareza moral. Por outro lado, há uma crescente expectativa por um estilo mais pastoral e inclusivo, que enfatiza a misericórdia e a justiça social.

Diante desse caminho de reflexão a partir da filosofia de Thomas Kuhn, quais são os paradigmas propostos pelo papa Francisco para esse processo de transformação do modo de ser Igreja nesses novos tempos? Apresentamos, sem a intenção de esgotar esses paradigmas (categorias), como processo de identificação das habilidades que serão necessárias na educação eclesial de todos os cristãos, principalmente, dos pastores e futuros pastores.

2. Os paradigmas apresentados pelo papa Francisco

Ao longo de seu pontificado, o Papa Francisco tem proposto diversos paradigmas que visam um processo de transformação da Igreja em uma instituição mais inclusiva, misericordiosa, missionária e ecológica. Estes paradigmas abrangem uma variedade de áreas, desde a pastoral até a ecologia, e são fundamentados em documentos-chave de seu magistério. Sem a pretensão de resumir todos as categorias apresentadas por Francisco, tratamos dos que consideramos os mais importantes para compreender em que consiste a mudança de categoria.

2.1. Paradigma da Misericórdia

A misericórdia é o primeiro paradigma ou categoria para uma transformação no comportamento da Igreja. Como enfatiza o papa Francisco, a misericórdia é uma característica de Deus e da missão da Igreja. O papa expressa a imagem de um Deus que é compassivo,

próximo e misericordioso, desafiando a imagem de um Deus distante e vingativo. Esse paradigma enfatiza a inclusão, o acolhimento e a compreensão, especialmente para com os marginalizados e aqueles em situação de vulnerabilidade. Os documentos em que ele manifesta esse paradigma são três: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinária da Misericórdia *Misericordiae vultus* (2015); as Exortações Apostólicas *Evangelii Gaudium* (2013) e *Amoris Laetitia* (2016).

Para esse processo de transformação é necessário que a Igreja viva profundamente a compaixão não apenas como uma virtude individual, mas como um princípio orientador para a missão da Igreja e para a vida dos fiéis. No documento do início do seu pontificado, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco enfatiza que a Igreja deve ser um “hospital de campanha” que acolhe todos com misericórdia e compaixão. A Igreja é conclamada a sair ao encontro de todos, principalmente os mais necessitados, a sua grande missão é mostrar a face misericordiosa de Jesus Cristo. Ele considera que o desafio é não se fechar em uma Igreja autorreferencialista, mas abraçar uma pastoral de proximidade e ternura.

[...] Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. [...] Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (*Mc* 6, 37). (EG 49)

A grande imagem que aparece na exortação é da casa com o lar, onde todos devem sentir-se bem em fazer parte da família que é a Igreja do Senhor, principalmente os pobres e os marginalizados. É preciso que a Igreja reflita no seu serviço e na compaixão a face de um

Deus que permanece entre o seu povo, é um Deus presente na nossa história e dar sentido à vida. Essa se expressa na vida daqueles que se abrem à sua compaixão. A Igreja é o reflexo da alegria e compaixão, que sem medo sai para encontrar os mais necessitados para oferecer-lhes o consolo e a esperança.

Um outro documento que fundamenta a transformação de categoria é a bula *Misericordiae Vultus* na qual a misericórdia é colocada no centro da vida cristã, ou “a arquitrave que suporta a vida da Igreja” (MV, n. 10) e, por isso, é missão dos cristãos apresentar a compaixão de Deus em todas as suas ações. A misericórdia parece ser o ponto de encontro, a síntese de toda a vida cristã. “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai” (MV, n.1) e em sua vida a misericórdia torna-se viva e visível. A compaixão deve ser a resposta da Igreja às necessidades do mundo, todos os cristãos devem ser sinais vivos da misericórdia de Deus. Uma maneira de aprender os passos de Jesus é viver as obras de misericórdia, tanto corporais quanto espirituais, como expressões concretas da compaixão cristã.

O apoio aos necessitados se mostra eficaz quando a Igreja se coloca ao lado dos pobres e pequenos, através de uma presença que seja sempre ativa nas situações de injustiça e opressão. A Igreja manifesta essa sua proximidade através de transformações sociais, lutando contra as tantas formas de injustiça e desigualdades que perpetuam a pobreza e a exclusão. Na *Evangelii Gaudium*, o papa Francisco considera que o testemunho cristão é mais convincente quando se manifesta na prática da solidariedade e no cuidado pelos necessitados. (2013, n.188-189) Essa deve ser uma prioridade da Igreja, enquanto sacramento de esperança e consolação para os que vivem na pobreza e na marginalização.

Seguindo essa mesma linha de reflexão, na Exortação *Amoris Laetitia*, o papa Francisco admoesta as famílias a “ser o primeiro lugar onde se vive a solidariedade e o cuidado pelos necessitados.” Essa compreensão leva a Igreja, em suas comunidades eclesiais, oferecer “ajuda prática e espiritual.” A atenção as necessidades das

famílias é um cuidado pastoral muito mais que dar ajuda material, mas envolve a presença “nas questões emocionais e espirituais.”

O apoio aos necessitados dos irmãos e irmãs não é um apêndice, mas uma “expressão concreta da caridade e da misericórdia que deve caracterizar a vida familiar e eclesial.” (AL, n. 293). A comunidade de fé quando vive profundamente esse testemunho de vida, no cuidado com os mais necessitados, se compromete com a transformação da vida social não com expressões verbais, mas concretamente o amor que impulsiona a Igreja a ser sinal do ressuscitado no mundo. A final, o “compromisso com o bem-estar dos necessitados é um reflexo do amor de Cristo.” (AL, n.293).

2.2. Paradigma da Proximidade e Missão

Unido ao paradigma da misericórdia o papa Francisco tem promovido a vivência de uma Igreja deve estar próxima das pessoas, especialmente dos pobres e marginalizados. Para alcançar a proximidade é necessário um comportamento pastoral que envolve estar presente nas vidas das pessoas, ouvir suas necessidades e acompanhá-las em sua vida cotidiana. Este paradigma reflete uma mudança de uma Igreja centrada em si mesma para uma Igreja em saída, missionária e envolvida com o mundo, uma Igreja próxima.

O paradigma da Proximidade ou da Missão promovido pelo Papa Francisco reflete uma abordagem pastoral inovadora que busca transformar a Igreja Católica em uma instituição mais engajada com as necessidades reais das pessoas. Essa visão é uma das características centrais do pontificado de Francisco e está alinhada com a sua visão de uma Igreja que se desloca do centro para a periferia, em busca daqueles que estão à margem da sociedade e da vida eclesial.

O paradigma da proximidade apresentado na *Evangelii Gaudium* é conceituado como uma Igreja que toma a iniciativa, uma Igreja “em saída”, como uma comunidade de discípulos missionários que se “premeireiam” (EG, n. 24). A afirmação de Francisco é que uma comunidade missionária que “encurta as distâncias, abaixa-se – se for

necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo.” (EG, n. 24).

A grande característica dos evangelizadores que fazem parte de uma comunidade missionária é expressa na capacidade de se impregnar do “cheiro das ovelhas” (EG, n.24). Nesse processo de transformação e de categorização é preciso aprender a linguagem do outro, incorporar a sua maneira de organizar o mundo. É educa-se para a habilidade de torna-se companheiro de viagem, entrar nas realidades mais desafiadoras. Isso exige uma presença pastoral efetiva nas realidades locais e a necessidade de respostas concretas às necessidades das comunidades.

A ação da comunidade de fé não pode ser apenas realizada por meio exclusivamente assistenciais e programas de promoção, destaca o papa Francisco que “o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma *atenção* prestada ao outro ‘considerando-o como um só consigo mesmo’.” (EG, n.199). Nessa atenção não se pretende realizar “coisas” para as pessoas, mas colocar-se diante delas como um irmão que se preocupa não apenas em oferecer algo, mas de ser presença que acolhe e deseja efetivamente o seu bem. “Isto implica apreciar o pobre na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé.” (EG, n.199).

Na Encíclica *Fratelli Tutti* (2020), o conceito de proximidade é ampliado em uma perspectiva de fraternidade universal e de uma solidariedade global. O papa enfatiza a importância de uma presença atuante e de um envolvimento da Igreja em questões sociais e as necessidades das pessoas. “Viver indiferentes à dor não é uma opção possível” (FT, n.68), ninguém pode ser deixado para trás, “nas margens da vida” (FT, n. 68). A comunidade de fé deve se indignar quando o sofrimento humano, principalmente, diante tantas formas de sofrimentos que são frutos de estrutura política e social que precisam ser transformadas. É necessário mudar a maneira em que a sociedade globalizada olha para “o ferido”, o pequeno, deixando de lado “um

estilo elegante de olhar para o outro lado [...] sob as aparências do politicamente correto ou das modas ideológicas” (FT, n. 76). Muitas vezes temos uma opção midiática em relação aos pobres, se transmite ao vivo a sua situação, apresentamos um discurso uma aparente tolerância, porém “não o tocamos” (FT, n.76).

A proximidade deve se expressar também com aquelas comunidades que vivem infortunadamente, pelo nosso modo de tratar a natureza, crises ambientais e sociais. O papa Francisco, desde a encíclica *Laudato Si'*, tem falado abertamente da maneira como são tratadas as pessoas excluídas, principalmente, nos debates econômicos e políticos em que as questões ambientais são pauta, não se leva em conta os impactos sociais na vida cotidiana das pessoas que vivem nos territórios, afirma o papa: “não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres.” (LS, n. 49).

Diante disso, a busca de soluções aos problemas trazidos por uma atitude profundamente predatória conduz a Igreja a torna-se muito mais próxima das pessoas pobres e necessidades com o coração aberto a uma comunhão universal, “nada e ninguém fica excluído desta fraternidade” (LS, n. 92). Na encíclica *Laudato Si'*, o papa aponta para um caráter relacional que existe entre todos os seres humanos e as outras criaturas, obras das mãos de Deus. Só através dessa consciência é que “caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor de Deus a cada uma das suas criaturas” (LS, n.92).

2.3. Paradigma da Ecologia Integral

A paradigma da Ecologia Integral é proposto pelo papa Francisco através de uma visão holística do mundo em que tudo está interconectado e as respostas devem ser integradas e multifacetadas.

As respostas não são simples, pois os problemas são complexos e contextuais. Esse modo de contemplar a realidade deve conduzir a um cuidado com a criação, a justiça social e a economia sustentável uma visão ampla dos processos que vive a sociedade atual. Ao propor a *Laudato Si'*, o papa insere a Igreja num processo de diálogo com as autoridades políticas mundiais trazendo uma visão não meramente técnica da busca de soluções para o problema ambiental, mas trazendo uma olhar dos impactos que essas questões causam na vida de pessoas concretas nos vários territórios do globo terrestre.

O principal documento em que se trata de um paradigma ecológico integral é a encíclica *Laudato Si*, no qual se expõe interconexão entre a crise ambiental e questões sociais e econômicas. A preocupação do papa Francisco é considerar que as questões ambientais não podem ser separadas da vida das pessoas que vivem como parte de uma natureza criada por Deus. Ao invocar o exemplo de São Francisco, grande amante da natureza, o papa considera que é importante considerar a sua forma de viver a “harmonia com Deus, com os outros [irmãos], com a natureza e consigo mesmo.” (LS, n.10). São Francisco não só reconheceu a criação, mas encarnou em sua própria vida a sua condição de criatura, pobre, humilde e dependente de todas as outras criaturas, como sinal do amor de Deus para com ele.

Papa Francisco destaca a interdisciplinariedade como elemento importante para superação de uma visão fragmentada da realidade. A reflexão do papa é que “os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade.” (LS, n.138). Essa concepção integral é importante para uma visão da própria Igreja, sozinha ela não pode dar conta de responder questões complexas que são apresentadas no mundo de hoje. Essa compreensão de interrelacionalidade entre os vários organismos e os artefatos criados pelos homens refere-se ao “meio ambiente” em que estamos inseridos, impedindo-nos “de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida.” (LS, n. 138).

Compreender “as razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade.” (LS, n. 139) É a partir dessa análise que se pode sinalizar os caminhos que as pessoas devem tomar e quais comportamentos e recursos são exigidos para uma resposta que seja compatível com a realidade territorial e, depois, em cada território considerando a cultura, ampliando a aplicação a todos os territórios. Isso porque “já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais.” (LS, n. 139).

Na exortação *Querida Amazonia*, o papa Francisco trata de modo muito mais específico os princípios apresentados na *Laudato Si'*, considerando tanto a proteção do meio ambiente quanto os povos originários e suas culturas. Ao expressar os sonhos para Amazônia, ele coloca em destaca a interconexão entre os vários aspectos da vida dos povos, como políticas sociais, a valorização das culturas, o cuidado ecológico e a atenção de uma Igreja inserida na vida dos povos, presentes nesse território tão rico de recursos naturais, mas também de cultura e de fé. Aponta Francisco, “não serve um conservacionismo ‘que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos’.” (QA, n.8).

O cuidado das pessoas e o cuidado dos ecossistemas são inseparáveis, o que faz do território dos povos originários, como as florestas, não como um recurso para explorar, mas “é um ser ou vários seres com os quais se relacionar.” (QA, n.42). Essa consciência é que uma ecologia integral não é um discurso de uma proteção do “verde”, esquecendo as pessoas que estão vinculadas ao território, com suas culturas locais e modos de expressão da fé que possuem, herdadas dos seus antepassados.

2.4. Paradigma da Sinodalidade

A sinodalidade é um caminho feito junto, é um processo de comunhão em uma Igreja fraterna. Papa Francisco a tem promovido como um princípio fundamental para a governança da Igreja. A sinodalidade envolve a participação e a escuta de todos os membros da Igreja, incluindo leigos, religiosos e clérigos, no processo de tomada de decisões. Este paradigma propõe uma mudança de uma estrutura hierárquica rígida para uma abordagem mais colegiada e participativa, refletindo a comunhão e a colegialidade como valores centrais.

Já na *Evangelii Gaudium* mesmo que não apareça o termo sinodalidade, mas é descrito pelo papa Francisco uma caminho feito juntos pelos pastores e os fiéis da Igreja. Iniciando com aquilo que ele chamou de “conversão do papado” (EG, n.32). O processo aberto pelo seu pontificado foi, justamente, de repensar o ministério do Sucessor de Pedro, considerando o seu ministério não como um “chefe supremo”, mas como servidor da Igreja. Compreendendo que o papa não deve substituir os bispos locais no discernimento dos problemas que apresentam seus territórios, deixando de lado “uma centralização excessiva”, que “em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária.” (EG, n. 32).

A sinodalidade é um processo de uma Igreja “em chave missionário exige o abandono de um cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’.” (EG, n.33). Esse processo é a caracterizado pela capacidade criativa de uma Igreja que se coloca a repensar suas estratégias pastorais, as suas estruturas, o estilo de pensamento diante da realidade do mundo e os métodos para alcançar respostas autenticamente reais. Papa Francisco exorta a todos, nesse documento, a “não caminhar sozinho, mas ter sempre em conta os irmãos e, de modo especial, a guia dos Bispos, num discernimento pastoral sábio e realista.” (EG, n.33).

Esse é o caminho da sinodalidade, não é um caminho feito sozinho, como afirmou papa Francisco, no Discurso em *Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos*

Bispos, de 17 de outubro de 2015, “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.” Não é simplesmente um processo de reorganização logística ou de um processo de reforma organizacional, mas é um processo de conversão no modo de perceber a realidade, com categorias que narrem a vida das pessoas, no seu dia-a-dia.

Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap, 2, 7). (FRANCISCO, 2015)

No relatório de síntese do XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizado dos dias 4 a 29 de outubro de 2023, na cidade do Vaticano, estabeleceu como fruto do processo sinodal “a acrescida consciência da nossa identidade de Povo fiel de Deus, dentro do qual cada um é portador de uma dignidade que deriva do Batismo e é chamado à corresponsabilidade pela missão comum de evangelização.” (A sinodalidade: experiência e compreensão, cap. 1, a). Compreender dentro do povo de Deus é um processo importante para todos os batizados, como a consciência de que o discipulado é o que une a todos em torno do Mestre Jesus, não pode existir qualquer ministério sem o sentido de pertença a Jesus Cristo. A compreensão é que todo povo de Deus é substancialmente um povo de discípulos, todas as outras propriedades que compreende a sua vida são expressão desse discipulado. Com isso, podemos dizer que um povo de Deus é formado por discípulos-leigos; discípulos-religiosos (as), discípulos-presbíteros, discípulos-bispos, entre outros tipos de ministérios, que são formas de viver o discipulado em várias realidades de vida.

O processo de vivência do paradigma da sinodalidade dá a Igreja a possibilidade de “abertura à escuta e ao acompanhamento de todos, também daqueles que sofreram abusos e feridas na Igreja, tornou

visíveis muitos que, por muito tempo, se sentiram invisíveis.” (Cap. 1, e). Essa capacidade de escutar também as feridas no processo de construção de uma vida eclesial mais próxima das realidades das pessoas deve ser bálsamo as feridas das vítimas de abusos por membros da Igreja que se utilizaram da confiança, das estruturas e índole da Igreja, para implementar uma prática nociva a vida de pessoas frágeis e vulneráveis.

2.5. Paradigma da Reforma Pastoral

No que tange a uma mudança de uma reforma pastoral, a Igreja necessita continuamente uma forma pastoral, por isso a Igreja deverá ser mais flexível e adaptável no mundo contemporâneo. Esse paradigma envolve a reforma das estruturas e práticas eclesiais para melhor responder às necessidades das pessoas e promover uma evangelização mais eficaz e autêntica. Por isso, papa Francisco insiste em uma urgente conversão pastoral, sendo eminentemente missionária, “que não pode deixar as coisas como estão” (EG, n. 25), mas que se coloca em um estado permanente de missão.

A opção missionária começa quando transformamos “os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial” (EG, n.27). A reforma estrutural das comunidades só pode ser realizada se for para torná-las cada vez mais missionárias, sendo mais comunicativa e aberta, “que coloque os agentes de pastorais em atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade.” (EG, n.27).

Esse olhar transformador é apresentado pelo papa Francisco que enfatizou a necessidade de uma pastoral que responda aos contextos locais, mas sem cair no extremo que a transforme um “museu folclórico de ‘eremitas’ localistas, condenado a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha para fora das suas fronteiras.” (EG, n. 234). A imagem apresentada por Francisco é de um poliedro, “que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade.” (EG, n. 236). Sua compreensão é que tanto a política

como a ação pastoral deve procurar “reunir nesse poliedro o melhor de cada um.” (EG, n. 236). Essa é a “mística popular” (EG, n.237), em que a Igreja, enquanto povo de Deus, incorpora todos as pessoas na mesma comunidade de discípulos, acadêmicos e operários, empresários e artistas, agricultores e profissionais da saúde, todos são respeitados em suas diferenças, mas são todos unidos na mesma fé no Evangelho, encarnando “em expressões de oração, de fraternidade, de justiça, de luta e de festa.” (EG, n.237).

Francisco enfatizou na exortação apostólica *Querida Amazonia*, que seu sonho é como uma Igreja que saiba inculturar-se, apoiando as comunidades que se comprometem a cuidar da casa comum (QA, n. 7). Além disso, os elementos oferecidos pela Igreja devem ser de maneira original, deve encarnar-se a pregação, a espiritualidade e as estruturas da Igreja (QA, n.6). Deve-se levar em conta a história da Igreja que mostra um cristianismo com vários modelos culturais, afinal “não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (QA, n.69). Por isso, a importância da escuta da sabedoria dos ancestrais, dar voz aos idosos, recuperar as precisas narrativas dos povos. A narrativa é a fonte de transmissão das crenças e das categorias para acessar o modo de vida dos povos, sem ela a mudança não se realizaria.

2.6. Paradigma da Inclusão

Esse paradigma é um dos mais recorrentes nos ensinamentos do papa Francisco. Na sua perspectiva eclesial todas as pessoas, independentemente de sua situação social, econômica, ou pessoal deve ser acolhida. A Igreja não pode ser uma alfândega (EG, n. 47), que escolhe quem pode ou não ter acesso a graça de Deus, sejam por meio dos sacramentos, seja na acolhida pastoral. Essa ação do papa tem desafiado um estilo excludente e discriminatória que muita acompanha os membros da Igreja e, também, as estruturas eclesiais.

A primeira imagem que tanta desse nova categorização que o papa Francisco promove na Igreja hoje é de uma Igreja casa, uma Igreja lar, onde todos encontram calor humano e que pode estar na

presença do outro sem medo de ser julgada pela sua situação. Essa casa está sempre de porta aberta, por isso a insistência de Francisco em deixar as igrejas de portas abertas, onde as pessoas que tenha o desejo no coração de fazer sua oração, possam encontrar um espaço acolhedor. Para além dessas portas existem outras portas que devem ser escancaradas, como o acesso a vida eclesial, a comunidade de fé, afinal “todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer” (EG, n. 47), sobretudo o Batismo, porta de todos os outros sacramentos.

Esse paradigma da inclusão é profundamente marcado por uma atitude de acolhida de todas as pessoas independente de sua orientação sexual, sua classe econômica, o modo de vida, a Igreja deve acolher a todos, “procurando evitar qualquer sinal de discriminação injusta.” (AL, n.250). É necessário o reconhecimento da fraternidade que envolve a todas e cada pessoa humana, sendo impensável uma concepção de uma vida espiritual que se distancia das causas dos fracos e pequenos, principalmente, dos nascituros, dos “pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono, na exclusão, no tráfico de pessoas” (GE, n.101), como também das pessoas que são submetidas ou se submetem a eutanásia, dos idosos privados de cuidados, nas formas de escravidão, dos migrantes, e todas as formas de descarte. Ressalta o papa Francisco, “não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo” (GE, n.101).

Olhando essas perspectivas de paradigmas apresentados pelo papa Francisco, considerando o paradigma como categorias, ou linguagem de pensamento, onde passamos a um “mundo” novo, a uma visão nova do mundo, passamos ao que Thomas Kuhn chamou de incomensurabilidade, diante disso, qual a proposta para uma transformação de atitude, hoje, numa Igreja marcada por conflitos intensos entre os seus ministros e, também, entre os leigos e leigas? Acreditamos na retomada de uma instituição antiga de Israel, durante o período nômade, chamada a lei de hospitalidade.

3. A hospitalidade caminho de reconciliação

Essas propostas de Francisco de uma nova atitude diante das realidades da vida cotidiana, trouxe inúmeros desentendimentos ao interno da Igreja, principalmente, naqueles setores eclesiais formados através de categorias em que não se negocia, nem muito menos, ver a Igreja como uma verdade absoluta e que não existe variação no seu modo de ser, em que é verdade seria uma finalidade, esquecendo que a verdade é a fonte impulsionadora de toda a vida da Igreja. Isso gerou uma incomensurabilidade, como pontuada, uma intradutibilidade de tradições, fazendo com que a Igreja nesse tempo passe por uma crise interna em que as várias concepções ideológicas, falem muito mais que o apelo do Senhor: “vós sabeis que os governantes das nações dominam sobre essas e os chefes as oprimem. Entre vós não será assim” (Mt 20,20-28).

Diante desse cenário é preciso uma postura mais crítica, na qual nos perguntamos qual poderia ser a postura que a nós, enquanto Igreja, poderíamos tomar para superar a falta de comunicação entre nós, vivendo uma comunhão eclesial através do respeito das diferenças e na valorização das nossas semelhanças. Depois de refletirmos, chega os ao reconhecimento de que precisamos reformular um princípio bíblico da hospitalidade, como uma forma de superação da incomensurabilidade presente na Igreja, nos tempos atuais.

Quando olharmos o surgimento da sociedade israelita a partir da aglutinação de povos nômades que migravam por todo o crescente fértil em busca de sobrevivência (FISCHER, 1999, p. 113-116), a sua formação aconteceu levando em consideração, acima de tudo, valores que asseguravam a vida de todas as tribos, tais como: as leis de hospitalidade, de asilo e da vingança do sangue. Centrando-nos na lei de hospitalidade, ver-se que a vida no deserto dependia dessa virtude, considerada “uma das mais estimadas, junto aos nômades” (VAUX, 1977, p. 20).

A hospitalidade é uma característica fundante da crença de Israel. É um imperativo ético, não um legalismo que gera uma

obrigação no modo do agir, não é um mero formalismo preocupado em deixar transparecer para os demais que se vive aquela lei. A hospitalidade “é o que distingue a dinâmica religiosa que tende a transformar em lei o amor ao próximo daquele da fé, que coloca o amor ao próximo como critério para julgar a lei.” (DAL CORSO, 2016, p.45). Esse mandamento antes de ser uma obrigação é um convite. E, como tal, está baseado no “estatuto do crente, mas no direito do pobre.” A mudança de categoria é baseada tendo a hospitalidade como eixo de atitude mais sensata, poderá trazer modificações relevantes para a vida da comunidade de fé, como trouxe para as inúmeras religiões em suas práticas sociais e culturais.

Como afirma Dal Corso, “a hospitalidade não se propõe simplesmente como uma postura, mas antes de tudo como um pensamento, um paradigma diferente.” (2016, p.45). Sua compreensão é que esse paradigma pode responder a questão do pluralismo, “como uma identidade fruto da hospitalidade” (2016, p.45), sendo possível estabelecer uma relação onde o outro passa de *hostis* – inimigo a *hospes* – hóspede. Esse princípio da hospitalidade, como fonte de superação da incomensurabilidade, “ajuda a repensar o divino: antes de ser invocado” (2016, p.46). O divino é descoberto como um condescendente, que entrou na nossa história e se fez amigo de caminho. Por isso, podemos narrar a sua história relacional conosco e com a nossa comunidade.

Quando olhamos a história de Abraão percebemos que tanto ele se fez hospitaleiro como foi hospedado pelos cidadãos de Cariat-Arbe. É importante olhar a imagem de Abraão e, logo de início, perceber que é necessário manter a porta sempre aberta, ou melhor, compreender que a tenda não tem chave, “mas portas que abrem” (DAL CORSO, 2016, p.46). Ser hospitaleiro é ser consciente da sua própria condição também de hóspede, em algum momento da sua vida, por isso a capacidade que se deve ter de dá boas vindas aos que chegam; outro ponto é a capacidade de atenção as necessidades dos que chegam, ser capaz de empatia, não somente tolerância nem muito

menos indiferença, é a capacidade de incluir e se fazer irmão do outro, de fazer o outro importante.

Quando olhamos Abraão contemplamos uma inversão de importância de uma liturgia, que não comunica mais Deus aos irmãos, para uma justiça que é cuidar do próximo, como fonte de salvação e avizinhamento de Deus. (DAL CORSO, 2016, p. 46). Por isso, a imagem usada pelo papa Francisco da Igreja como “hospital de campanha”, onde todos os feridos são acolhidos, sem discriminação, até mesmo os estrangeiros, não é uma metáfora apenas, mas uma nova categoria teológica que deve impulsionar uma transformação no estilo de Igreja que não se preocupa tanto com as proibições, a alegria da presença diante do Senhor, como da transmissão dessa alegria a todos as pessoas do nosso tempo.

Hospitalidade, no contexto eclesial, refere-se à capacidade de receber, acolher e integrar todos os membros da Igreja, independentemente de suas diferenças, desafios ou origens. É um convite à criação de um espaço onde todos se sintam aceitos e valorizados, refletindo a atitude de Jesus que acolhe a todos com amor e compaixão. A hospitalidade é mais do que uma simples formalidade; é um princípio que orienta o comportamento e as práticas dentro da comunidade eclesial.

A hospitalidade oferece um ambiente propício para a inclusão e o diálogo. Ao criar espaços onde as pessoas se sintam verdadeiramente bem-vindas, a Igreja pode facilitar uma compreensão mútua entre diferentes grupos e setores. Isso é essencial para reconciliar divergências e construir pontes entre aqueles que podem ter visões e opiniões opostas. A prática da hospitalidade pode ajudar a suavizar tensões e promover uma cultura de respeito e empatia.

A hospitalidade permite a criação de espaços seguros para o diálogo aberto e honesto. Em vez de excluir ou marginalizar aqueles que têm pontos de vista diferentes, a Igreja pode utilizar a hospitalidade para encorajar conversas construtivas e a troca de ideias. Esses espaços de diálogo podem ajudar a resolver conflitos, promover

a compreensão e encontrar soluções colaborativas para desafios comuns.

A hospitalidade reforça o senso de pertencimento e de comunidade. Quando os membros da Igreja se sentem acolhidos e valorizados, isso fortalece o vínculo entre eles e a Igreja como um todo. O acolhimento genuíno ajuda a construir uma comunidade mais unida, onde as diferenças são respeitadas e celebradas como parte da riqueza do corpo eclesial.

A prática da hospitalidade é um reflexo do amor e da compaixão de Cristo. Ao adotar uma postura de acolhimento e receptividade, a Igreja pode servir como um exemplo poderoso de como viver os ensinamentos de Jesus no mundo contemporâneo. A hospitalidade não só fortalece a comunidade interna, mas também testemunha a mensagem do Evangelho para aqueles que estão fora da Igreja.

Considerações Finais

Através da lente da mudança paradigmática, conforme elucidado por Thomas Kuhn e expandido por Ruth Millikan, podemos entender as reformas promovidas pelo Papa Francisco como uma reestruturação essencial da identidade e da missão da Igreja Católica. Os paradigmas da misericórdia, proximidade, missão, ecologia integral, sinodalidade, reforma pastoral e inclusão representam uma nova linguagem e estrutura conceitual que desafiam a Igreja a ser mais aberta, inclusiva e responsiva às necessidades contemporâneas. A hospitalidade, como um caminho de reconciliação, emerge como um princípio fundamental para superar as incompreensões e promover uma comunhão eclesial respeitosa das diferenças. A transformação paradigmática proposta por Francisco não é meramente uma mudança de práticas, mas uma profunda reconfiguração dos valores centrais e das prioridades pastorais, realinhando a Igreja com uma missão de evangelização e serviço, mais alinhada com as realidades do mundo moderno.

SIGLAS

EG = *Evangelii Gaudium*

MV = *Misericordiae Vultus*

LS = *Laudato Si'*

FT = *Fratelli Tutti*

QA = *Querida Amazonia*

AL = *Amoris Laetitia*

REFERÊNCIAS

DAL CORSO, Marco. A emergência de uma humanidade atravessada pela hospitalidade. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 499, Ano XVI, 2016, p. 44-49.

DE VAUX, R. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento*. Roma: Marietti, 1977.

FISCHER, James A. Rute. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário Bíblico*. 2. ed. v. 2. São Paulo: Loyola, 1999. p. 113-116.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus* (2015). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Santo Papa Francisco na comemoração dos 50 anos da instituição do sínodo dos bispos*

(2015). Acessível:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>.

Acesso: 22 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum (2015) Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em:

20 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (2016).

Disponível em: <

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html)

[laetitia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html)>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazonia* (2020). Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html)

[amazonia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html)>. Acesso: 20 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica do Santo Padre Francisco *Fratelli Tutti* (2020). Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso: 22

jul. 2024.

GATTEI, Stefano. *La Rivoluzione Incompiuta di Thomas Kuhn: La tesi dell'incommensurabilità e l'eredità del Neopositivismo*. Torino: UTET, 2007.

KUHN, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions* [1962].

Chicago: University of Chicago Press, 1970.

KUHN, Thomas. Comensurabilidade, comparabilidade, comunicabilidade [1982]. In.: KUHN, Thomas. *O caminho desde A Estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

KUHN, Thomas. Racionalidade e Escolha de Teorias [1983]. In.: KUHN, Thomas. *O caminho desde A Estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

KUHN, Thomas. *O caminho desde A Estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

KUHN, Thomas. *The last writings of Thomas Kuhn: incommensurability in science*. Edited with in introduction by Bojana Mladenovic. Chicago: University of Chicago Press, 2022.

KUHN, Thomas. *Últimos Escritos de Thomas Kuhn: a incomensurabilidade na ciência*. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

MILLIKAN, Ruth G. *Language, Thought, and Other Biological Categories: New Foundations for Realism*. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.

MILLIKAN, Ruth G. *Delle idee chiare e confuse: Saggio sui concetti di sostanza*. Pisa: Edizioni ETS, 2003.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Relatório de Síntese da primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: uma Igreja Sinodal em Missão Vaticano: Lib. Ed. Vaticana, 2023. Disponível em:

<<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/10/28/0751/01653.html>>. Acesso em: 20 jul. 2024.